**A Profecia de Judá: Isaías**

A importância de Judá no cenário do século VIII é fundamental. Este período é marcado pelo crescimento econômico e expansão política. Jerusalém, sua capital, passa a ser um grande centro urbano, o que até então nunca chega a ser, e se consolida como ponto de passagem das rotas comerciais que iam do Egito para o Oriente. Consolida-se a monarquia. Após a tomada da Samaria pelos assírios em 722 a.C., muitos refugiados se abrigam em Jerusalém que passa, então, a ser o centro e a referência principal do judaísmo e da fé em Javé. Ela assume também uma grande importância religiosa, com seu Templo, seus profetas e seus sacerdotes. Torna-se Sião, a cidade santa!

Mas não podemos nos esquecer de uma nítida diferenciação ente o interior camponês do reino de Judá e o centro urbano-comercial de sua capital. Diferenciação essa que constituirá a base de suas diferenças também na política e na formulação teológica. Grupos diferentes formavam essas duas sociedades. Judá era constituída por criadores de gado pequeno (ovelhas e cabritos) e produtores de alimentos (trigo, cevada, óleo, uva, etc.). Jerusalém, como rota comercial, estava distante da dinâmica de vida desse povo camponês. Utilizando categorias sociológicas mais contemporâneas nossas, podemos falar de uma oposição cidade x campo.

Havia uma dependência maior por parte de Jerusalém, pois era um centro consumidor de bens. Em troca, ela oferecia valores, projetos de governo, decisões jurídicas, o status do rei e as celebrações no Templo. Por aí, já podemos observar também laços de união importantes entre cidade e campo, em que se destacavam a fé em Javé e a figura carismática do rei Davi. Aliás, Davi como uma tradição mais de Judá do que de Jerusalém, pois é um líder tribal nascido na pequena vila camponesa de Belém, no interior de Judá. De qualquer forma, Judá e Jerusalém possuíam dinâmicas políticas particulares e diferentes modos de articular a fé javista, o que veremos ainda em maiores detalhes.

Em Judá, Davi aparece como um líder tribal e carismático, uma característica muito querida à tradição dos seus camponeses. O davidismo judaíta é a memória do “povo da terra” (camponeses), como vemos em 2 Rs 11,1-20, do profeta Miquéias e que permaneceu viva até os dias do Novo Testamento, como podemos perceber em Mt 2,1-12. O davidismo de Jerusalém ou Sionismo é uma tradição articulada em Sião, originalmente a partir das tradições do Davi heroico nas guerras de conquista. Esse davidismo desenvolveu-se posterior à tomada de Jerusalém que, assim, se tornou a capital do reino. Na sua formulação, são abandonados alguns detalhes da vida de Davi, como a cidade de origem, o pastoreio de rebanho, sua convivência com os camponeses, dentre outros.

Tudo isso repercute na questão religiosa e teológica. Com a conquista de Jerusalém, Davi introduz a arca da aliança que estava sob o poder dos filisteus, o que faz com que a cidade tenha cunho político e também religioso. Com esse significado teológico-dinástico, a arca então passa a ser o ponto de partida para a concepção de que ali, em Jerusalém, cidade dos jebuseus, Deus faria sua morada eterna. Em Jerusalém, então, é que surge a promessa da dinastia davídica (2Sm 7). Nesse episódio, Natã, o profeta da corte, faz a promessa de uma dinastia sem fim para Davi.

Assim, fica bem demarcada a diferença da teologia judaíta e jerosolimita. Em Jerusalém, o que sobressai de Davi são suas ações bélicas. Ele é o rei guerreiro. É possível perceber essa característica nos Salmos tidos como messiânicos, como 2, 18, 20, 21, 45, 72, 101, 110 e 132. Observa-se que a figura do rei é messiânica e tem seus contornos políticos e militares. Afinal, a teologia sionita preserva a tradição de que de Sião virá a libertação para todos os povos, uma vez que ali Javé estabeleceu seu trono para sempre. Em Judá, o que se conservou do messianismo foi a tradição do campo (Mq 5) e essa tradição foi conservada pelo “povo da terra” que via em Davi em rei pastor.

Assim, na própria concepção do messianismo, observamos diferenças fundamentais entre a teologia judaíta e jerosolimita. Em Judá, é cultivada a tradição de Davi pastor de ovelhas, que também faz parte desse conjunto sóciopolítico, e mais tarde, teve contornos teológicos muito específicos no que se refere ao messianismo. A região de Judá conservou, portanto, a história traditiva de um messianismo anti-palaciano, e, ao mesmo tempo, anti-sionita.

Um dos expoentes dessa tradição de Judá, e aqui da teologia messiânica do campo, é o profeta Miquéias, contemporâneo de Isaías, o profeta da corte de Jerusalém. Por sua origem camponesa, tem semelhanças com Amós, com quem compartilha a aversão pelas grandes cidades, a linguagem concreta e por vezes brutal, o gosto pelas imagens rápidas e pelos jogos de palavras (Bíblia de Jerusalém). Diz Miquéias em 5,2a; 4a *“E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, (...) Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor seu Deus”.*

Já a teologia de Jerusalém é marcada pela honra de Salém como cidade da justiça e do trono de Javé. O messianismo que daí brota, está distante do messianismo camponês de Judá. A concepção da cidade real de Javé passa, a partir da monarquia, a ser cooptada pelo rei. A atribuição de representar Javé e de prover a salvação para o povo passa para o rei. Dentre esses conceitos, sobre a importância de Sião/Jerusalém, destaca-se também que se trata uma cidade conquistada por Davi.